

## **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE**

Elisângela Justino<sup>1</sup> - [anginhaluz2009@hotmail.com](mailto:anginhaluz2009@hotmail.com)

*Viviane de Almeida [Silva -etavivi@hotmail.com](mailto:Silva-etavivi@hotmail.com)*

*Waldilson Duarte Cavalcante de Barros-  
[waldilsonduarte@hotmail.com](mailto:waldilsonduarte@hotmail.com)(UniversidadeEstadualdaParaíba*

**Resumo do artigo:** O presente artigo tem por objetivo socializar, em linhas gerais, reflexões sobre questões de Gênero, Sexualidade e Educação. Através de pesquisas bibliográficas buscamos entender como essas relações vêm sendo trabalhadas nas escolas, e se favorece um aprendizado significativo nas atividades pedagógicas. Para fundamentar essas questões trouxemos a Teoria de Guacira Lopes Louro, Deborah Britzman, Richard Johnson, Jeffrey, Weeks, com ênfase nos parâmetros curriculares nacionais (PCN). O estudo tem interesse de alcançar uma maior reflexão a cerca dessas problemáticas que norteiam o ambiente escolar. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental João Francisco dos santos – Gurinhém, Riacho Verde, Sitio Buenos Aires- zona rural, no período de trinta dias com uma turma multisseriada, no turno manhã. Passando em seguida a refletir o que é Gênero, Sexualidade e Educação, através do relato de experiência descrevemos as atividades, realizadas em sala com os alunos, avaliando dessa forma a aprendizagem dos mesmos como também a minha prática docente. Com relação aos resultados e Discussões podemos dizer que na perspectiva desse estudo e de outros/as, não escapa aos setores conservadores caráter espaços em que uma educação sexual possa ser desenvolvida. Como conclusões considerou-se que esses compõem a prática educacional, portanto, o debate é em prol da não perpetuação de preconceitos e estereótipos que geram situações negativas entre homens e mulheres. Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no componente curricular Diversidade, Inclusão social e Educação pela professora Margareth Maria Melo (UEPB) para um melhor aprendizado no processo acadêmico e educativo.

**Palavras Chave:** Gênero, Sexualidade, Educação

### **INTRODUÇÃO**

A escola ocupa um lugar de grande importância para abordagem de temas como gênero e sexualidade com Crianças e adolescentes. Por meio de atividades formais desenvolvidas pelos educadores e pela escola e informalmente em rodas de conversas entre os adolescentes surgem com

grande frequência discussões a respeito destes temas onde estes, têm oportunidade de explorar suas opiniões, as suas dúvidas e seus anseios sobre o assunto em questão.

A proposta do trabalho educativo com a diversidade sexual é inseri-la nas diversas disciplinas do currículo por meio dos conteúdos elencados nas Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica. Nesta perspectiva consideram-se os referenciais de classe, raça/etnia, gênero e diversidade sexual. O desafio é subsidiar teórico-metodologicamente os professores (as) das redes municipais e estaduais de ensino, por meio da formação continuada e da produção de materiais de apoio pedagógico.

Através de grupos de estudos, orientações pedagógicas, fundamentação teórica e metodológica aos educadores/as das redes estaduais e municipais de ensino, espera-se oferecer aos professores/as um constante aperfeiçoamento a partir de discussões e capacitação para enfrentamento das dificuldades acerca de questões de gênero e diversidade sexual, preparando os mesmos para discussões no ambiente escolar baseada em conhecimento científico e não em crenças e valores pessoais.

É importante lembrar que é na escola que as crianças passam a maior parte do seu dia e adquirem parte de sua formação como cidadãos e dependendo do que vivenciarem neste espaço, isso pode impactar positivamente ou não na construção de suas ideias. Portanto o trabalho foi desenvolvido para uma maior reflexão sobre gênero, sexualidades, educação com ênfase em relato de experiência na prática docente.

### **Justificativa:**

O estudo justifica-se pela necessidade de se trabalhar, no contexto escolar, assuntos relacionados ao gênero e sexualidade, de forma a contribuir para o desenvolvimento da criança, não se ditando apenas regras consideradas historicamente como “certas” ou “erradas”, mas levando em conta a diversidade humana e sexual dos/as alunos/as, para que estes/as não venham a conter aprendizagens impingidas de princípios preconceituosos, silenciados e/ou aprendizagens distorcidas.

A sexualidade sempre foi um tema de difícil discussão, sobretudo para as crianças. A curiosidade, a descoberta das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro, a descoberta das carícias e a fonte incontestável de prazer que o sexo representa, fizeram do assunto um tabu e algo que ‘não é conversa para crianças’ contribuindo ainda mais na imaginação de cabecinhas ansiosas por informações.

Por todos esses motivos se torna necessário que a escola tenha educadores informados para esclarecer as dúvidas dos alunos. É importante que o professor demonstre que as manifestações da

sexualidade são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano. Dessa forma, o professor estará contribuindo para que o aluno reconheça suas necessidades e desejos, ao mesmo tempo em que aprende as normas do comportamento necessário para viver em sociedade.

### **Objetivos:**

#### **Objetivo Geral:**

- Compreender a importância do trabalho com gênero, sexualidade e educação no ambiente escolar.

#### **Objetivos Específicos:**

- Buscar uma prática reflexiva entre escola e professores para que os tabus em relação à sexualidade e gênero sejam quebrados.
- Discutir e orientar a questão da sexualidade e gênero com as crianças no seu dia a dia.
- Contribuir para o conhecimento e valorização da sexualidade e gênero em seus diversos níveis.

### **Metodologia:**

#### **Gênero, Sexualidade e Educação.**

O sistema educacional no Brasil apresenta documentos diversos que apontam e orientam as escolas na realização de trabalhos nessa área, focando, principalmente nas questões sobre sexualidade, gênero, diversidades. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental (BRASIL, 1998) apresentam as questões sobre gênero e orientação sexual como temas transversais a serem trabalhados nas séries iniciais.

A inserção desses temas nas salas de aula trouxe um grande desafio para nos professores. De certa forma, podemos ser considerados leigos Sobre essas discussões e apresentamos dificuldades para lidar com esses assuntos tão complexos que envolvem, além de conhecimentos específicos, posturas que variam em função da cultura familiar, social e das experiências pessoais. Deborah Britzman (1996,p.74):

Nenhuma identidade sexual mesmo a mais normativa é automática, autêntica, facilmente assumida, nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação volátil, uma relação social contraditória e não finalizadora (grifos da autora).



Quando afirmamos que as identidades de gênero e as identidades sexuais se constroem em relação, queremos significar algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois polos; pretendemos dizer que as varias formas de gênero e sexualidade são interdependentes, ou seja, afetam umas às outras. Richard Johnson (1996) aponta isso ao sustentar que os conservadores estão corretos quando dizem que a celebração da identidade gay/lésbicas afeta a família ( tal como a eles a percebem e como a desejariam conservar).

De fato, a crescente interface nas suas representações sociais: Mas Richard acrescenta: Eles ( os conservadores) estão errados em apresentar isso como ameaça.

Quem, exatamente, é ameaçado? Devemos sempre policiar os limites sexuais e congelar nossas formas de viver? Por que não podemos ver a diversidade sexual como uma fonte de construção de algumas novas possibilidades? Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente e de contingente ela é dependente de uma situação e de um momento particular.

Segundo Guacira diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tomando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Dentre os múltiplos e muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela parece quase sempre “natural”. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças. Denise Portinari diz: A linguagem é um turbilhão e nos usa muito mais do que nós a usamos. Ela nos carrega, molda, fixa, modifica, esmaga ( seria talvez a depressão: sou esmagada pela palavra) e ressuscita ( não há “palavra de salvação?).

Talvez se possa vincular a emergência dessas discussões a transformações que diversas sociedades ocidentais, entre elas o Brasil, viveram a partir dos anos sessenta. Para muitas pessoas esse período é considerado fundamental no âmbito das relações de gênero e sexo, seja porque percebem ali o início de uma era de “permissividade”, seja porque o identificam com a “revolução sexual” seja porque registram um incremento na “mercantilização do sexo”, ou ainda porque observam grandes mudanças nas formas de regulação da sexualidade com uma crescente referência à homossexualidade, ao aborto, à pornografia etc.

É a partir da análise de alguns desses processos sociais que Jeffrey falou surgimento de um “novo moralismo”:

O paradoxo político do fim dos anos setenta e começo dos oitenta é que foram os moralistas tradicionais- ou, ao menos seus descendentes da última geração – os que reconheceram a oportunidade que oferecem a nova complexidade política e o aumento da importância da política sexual. A eles se soma a velha esquerda, que fracassou abertamente em sua intenção de responder às novas políticas. Portanto, e cada vez mais, o programa político contemporâneo sobre temas relacionados com o sexo está elaborado não por uma esquerda libertária, mas por uma direita moral. (WEEKS, 1993, p. 64)

Na perspectiva desse estudo e de outros/as, não escapa aos setores conservadores o caráter político que têm as relações de gênero e sexuais, o que leva tais setores a disputar todos os espaços em que uma educação sexual possa ser desenvolvida.

As políticas curriculares são, então, alvo da sua atenção, na tentativa de regular e orientar crianças e jovens dentro dos padrões que consideram moralmente “sãos”. “Isso tem ocorrido em vários países e, como Weeks observa, a política sexual acaba por fundamentar num conjunto de pressupostos arraigados da tradição sexual: o sexo como perigo e ameaça, mais do que como oportunidade”.

Segundo Guacira a educação sexual é uma questão do âmbito do privado, a ser encaminhada e tratada exclusivamente pela família ou a escola dela deve participar ( ou dela incumbir)?

È conveniente falar sobre sexualidade ou isso pode incitar precocemente os/as jovens Se tais questões forem discutidas na escola, devem ser desenvolvidas numa disciplina específica ou devem



ter caráter multidisciplinar? Devem ser compartilhadas por varias disciplinas? Num horário regular? Obrigatório? Extra-classe? Opcional?

Que tipos de formação devem ter os/as professores/as encarregados/as dessa atividade? Qual o caráter de suas aulas? O Objetivo ( ou a preocupação) deve ser informar? Prevenir? Orientar? Moralizar? Essas e muitas outras questões conduziram discussões acirradas e também permitem que projetos de lei ou diretrizes programáticas fossem “empurradas” por anos.

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE.**

O presente relato de experiência ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Francisco dos santos – Gurinhém, Sítio Buenos Aires- zona rural. Onde tive como ponto de partida para as minhas reflexões sobre gênero e sexualidade as observações feitas na prática pedagógica.

As ações inerentes sobre a questão do gênero e sexualidade foram sendo identificadas no decorrer das aulas como: meninos não brincam com meninas, meninas brincam com meninas e meninos com meninos, meninas não pode brincar de carrinho, meninos não podem brincar de bonecas e nem vestir roupa da cor rosa, nem pegar em objetos com a mesma cor porque rosa é cor de menina, do mesmo jeito acontecia com as meninas não pode vestir ou pegar objetos azuis porque azul é cor de menino. Sentar perto para brincar, tinha que ser separados.

Todos esses exemplos ouvia das mães das crianças ( tipo Elisângela eu não quero esse menino perto dessa menina, professora coloca essa menina longe desse menino e etc.)e presenciava todos os dias na sala de aula. Então comecei a pensar como separar meninos de meninas num ambiente escolar onde todos são crianças e estão inseridos para obter um desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Continuei pensando numa maneira dentro da prática que atendesse as questões de corpo e sexualidade. Nesse sentido busquei a partir de atividades práticas, algumas rodas de conversas e brincadeiras sobre o corpo de forma a minimizar algumas barreiras tanto para as crianças quanto para mim enquanto educadora.

Pois a todo o momento estava trabalhando com essa questão em sala, não foi fácil pois tive que acreditar muito no meu trabalho numa visão positiva, pois a todo momento via as mães cochichando, de cara feia, não me perguntavam mas observava nos seus olhos o que eu estava fazendo era exatamente o contrário do que elas haviam me pedido e assim fui seguindo e continuo ate hoje e acredito que cada dia vou alcançando os objetivos necessários para quebrar essas barreiras encontradas dentro dessa temática de gênero e sexualidade.





Segundo Guacira dispomos de poucas informações sobre as formas como as escolas brasileiras conduzem suas aulas ou atividades ligadas á educação sexual. Mas é possível supor, pelos livros e materiais didáticos disponíveis no mercado, pelas indagações de professores e professoras, pelas reportagens e programas da mídia, que essa ainda é uma área onde todos/as se movimentam com extrema cautela e com muitos receios, onde a regra é buscar refúgio no científico, ( que é traduzido, neste caso, por um estreito bilogismo),evitando a contextualização social e cultural das questões.

Portanto, á medida em que a instituição se tornava um espaço de formação privilegiado, tudo o que se passava no seu interior ganhava importância. Outros modos de educação de aprendizagem continuaram a existir, é claro, mas as sociedades modernas ocidentais passavam a colocar na escolarização e, então, nos sujeitos da escolarização uma atenção especial. Isso representou não apenas olhar para as crianças e jovens e pensar sobre as formas de discipliná-los, mas também observar e disciplinar aqueles que deveriam fazer a formação, ou seja, os professores.

Segundo a autora professores e professoras como qualquer outro grupo social foram e são sujeitos de representações. Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apela-se para alguns recursos para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que “constituem”, que os “produzem”. Estamos aqui operando a partir de uma perspectiva teórica que entende a representação não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora. Nessa perspectiva, não cabe perguntar se uma representação “corresponde” ou não ao “real”, mas ao invés disso, como as representações produzem sentidos, quais seus efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o “real”

### **Reultados e Discussões:**

A reflexão desse estudo me proporcionou destacar alguns pontos fundamentais, na discussão de gênero e sexualidade, não para finalizar o assunto, mas para fomentar novos debates sobre o mesmo. Partindo da compreensão que sexualidade e gênero são construções histórico-sociais, considerou-se que esses compõem a prática educacional, portanto, o debate é em prol da não perpetuação de preconceitos e estereótipos que geram situações negativas entre homens e mulheres.

O curso em questão contribuiu para a reflexão e entendimento de que a escola é um espaço de tratamento do conhecimento e que somente através da fundamentação teórico-metodológica o professor/a irá obter condições necessárias para realizá-la numa abordagem atual.



Oferecendo ainda aos educadores/as uma forma constante de aperfeiçoamento por intermédio dos encontros, das discussões, reflexões, e entendimentos para o enfrentamento das dificuldades acerca de questões de gênero e diversidade sexual, contribuindo com a preparação dos mesmos para discussões baseadas em conhecimento científico e não em crenças e valores pessoais.

### **Conclusão:**

Partimos do pressuposto que se faz necessária a inserção da temática: gênero e sexualidade no âmbito escolar, e na formação de professores e professoras, para que estes e estas possam discutir as temáticas com seus alunos e alunas sem receios e preconceitos.

O que constatamos a partir do que os/as autores/as estão evidenciando, é a dificuldade de um trabalho consistente e científico sobre relações de gênero e manifestações sexuais, isso porque em grande parte, professores e professoras durante sua formação não tiveram acesso a aprendizados referentes a essa temática, dessa forma, realizam intervenções e direcionamento didático, pautadas em princípios do senso comum, o que acabam por reproduzir e/ou silenciar ainda mais as representações de gênero e manifestações sexuais nas brincadeiras das crianças.

Dessa forma, pensar a ideia de uma educação sexual escolar e de gênero visa compreendermos as atribuições sociais que são refletidas na escola e questioná-las de forma que possamos refletir acerca de ideologias culturais, buscando amenizar o silêncio, repressão e preconceito evidenciados.

### **Referencias Bibliográficas:**

BRITZMAN, Deborah. **“Curiosidade, sexualidade e currículo”**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: ...

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. In: da SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). O que é, afinal, Estudos Culturais?. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp. 7-131.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós- estruturalista/** Guacira Lopes Louro.-Petrópolis, RJ: Vozes,1997.

Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: **orientação sexual/Ministério da Educação**. Secretária da Educação Fundamental.- 3. ed.-Brasília: A secretária, 20001.

WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 20